

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

JESSIKA ANDREA CANCHÓN CASTILLO

FRAMES ALTERNATIVOS EM "CHEIRO" E "AROMA":
Uma abordagem baseada na semântica cognitiva

RIO DE JANEIRO

2026

Jessika Andrea Canchón Castillo

FRAMES ALTERNATIVOS EM "CHEIRO" E "AROMA":

Uma abordagem baseada na semântica cognitiva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Letras Português-Espanhol pela
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a Dra. Lilian Ferrari Vieira

Rio de Janeiro

2026

Dedico este trabalho a quem me deu o presente da vida: Yhannett, minha mãe. A ela, que mesmo na distância se faz presente, devo tudo o que sou. Obrigada pelas palavras de conforto e o amor eterno.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Lilian Vieira Ferrari, cuja mentoria ampliou a minha forma de pensar o mundo. Agradeço-lhe pelo zelo intelectual e por me guiar nos primeiros passos de minha trajetória acadêmica.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro e pela concessão da bolsa de pesquisa indispensável para a realização deste trabalho.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, pelo privilégio de uma formação acadêmica pública, gratuita e de qualidade.

Aos professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pelo empenho dedicado ao magistério e pelos valiosos ensinamentos compartilhados ao longo da minha graduação.

Ao Laboratório de Linguística Cognitiva (LINC-UFRJ), em especial a Gabriela, a Thais e a Elisabeth, que com sua experiência contribuíram para tornar minha pesquisa mais sólida, proporcionando-me aprendizados que foram muito além deste trabalho.

Ao Brasil, país que me acolheu e me presenteou com a riqueza da língua portuguesa. Minha gratidão à vivacidade, à generosidade e ao afeto de sua gente, que encurtou as distâncias e transformou este chão em um verdadeiro lar longe de casa.

A todos os meus amigos e familiares que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao meu tio, Luís, que sempre me impulsionou a estudar. A ele devo a descoberta do meu interesse pela pesquisa.

A Wladimir, por me dar o que tantas vezes me faltou. Obrigada pelo alento e pelo contrapeso.

À Dafne, minha fiel companheira desde o início desta jornada. Foi na calmaria dos nossos passeios que encontrei o espaço necessário para a reflexão, o equilíbrio e a devida avaliação do estado das coisas.

Pienso también que el espíritu de la juventud es un eterno generoso donde la simiente de una palabra oportuna suele rendir, en corto tiempo, los frutos de una inmortal vegetación.

—José Enrique Rodó

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar as semelhanças e diferenças semântico-pragmáticas entre as palavras "cheiro" e "aroma", à luz do referencial teórico da Linguística Cognitiva. A análise, de caráter qualitativo e quantitativo, articula a noção de *Frame* (Fillmore, 1982) associada ao *Construal* (Langacker, 2008), focando em um dos seus aspectos descritivos, a *Proeminência* (Langacker, 2008). A análise fundamenta-se em dados extraídos do Corpus de Português Online, mais especificamente do *NOW Corpus* e do *Web/Dialects Corpus*. Para esta investigação, os dados coletados foram constituídos pelo esquema sintático [SN1 com cheiro/aroma de SN2]. Parte-se das seguintes hipóteses: (i) a construção do significado dos termos "cheiro" e "aroma" está vinculado à ativação do *frame* de olfato, (ii) os termos estabelecem *construals* alternativos em relação ao *frame* de olfato. Os resultados comprovam que, embora as palavras "cheiro" e "aroma" evoquem o mesmo *frame* experiencial, envolvendo um *Sujeito Experienciador* e um *Objeto Experienciado*, há diferenças significativas na forma como essa relação é construída cognitivamente. Nesse sentido, o termo "cheiro" coloca em *proeminência* o *Sujeito Experienciador*, enquanto "aroma" dá destaque às características do *Objeto Experienciado*.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva; Semântica Cognitiva; *Frame*; *Construal*; *Proeminência*.

ABSTRACT

This study aims to present the semantic-pragmatic similarities and differences between the words "cheiro" (smell) and "aroma" (aroma), in light of the theoretical framework of Cognitive Linguistics. The analysis, qualitative and quantitative in nature, articulates the notion of *Frame* (Fillmore, 1982) associated with *Construal* (Langacker, 2008), focusing on one of its descriptive aspects: *Prominence* (Langacker, 2008). It is based on data extracted from the Online Portuguese Corpus, specifically from the *NOW Corpus* and the *Web/Dialects Corpus*. For this investigation, the collected data consisted of the syntactic schema [NP1 com cheiro/aroma de NP2]. The study is based on the following hypotheses: (i) the construction of meaning for the terms "cheiro" and "aroma" is linked to the activation of the olfaction *frame*, (ii) the terms establish alternative *construals* regarding the olfaction *frame*. The results prove that, although the words "cheiro" and "aroma" evoke the same experiential *frame*, involving an *Experiencer Subject* and an *Experienced Object*, there are significant differences in how this relationship is cognitively constructed. In this sense, the term "cheiro" places *prominence* on the *Experiencer Subject*, while "aroma" highlights the characteristics of the *Experienced Object*.

Keywords: Cognitive Linguistics; Cognitive Semantics; Frame; Construal; Prominence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	10
2.1 SEMÂNTICA COGNITIVA	10
2.2 SEMÂNTICA DE FRAMES	12
2.3 A NOÇÃO DE CONSTRUAL	14
2.3.1 Especificidade	15
2.3.2 Foco	16
2.3.3 Proeminência	18
2.3.4 Perspectiva	21
3 METODOLOGIA	22
3.1 ORIGEM DOS DADOS	22
3.2 OBJETIVOS E HIPÓTESES	23
4 ANÁLISE DOS DADOS	23
4.1 COMBINAÇÕES COM SN1 — PRODUTO INGERÍVEL	26
4.2 COMBINAÇÕES COM SN1 — PRODUTO NÃO INGERÍVEL	28
4.3 COMBINAÇÕES COM SN1 — LUGAR	29
4.4 COMBINAÇÕES COM SN1 — OBJETO	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
6 REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

A descrição de experiências sensoriais emprega frequentemente palavras consideradas sinônimas, como é o caso de "gosto" e "sabor" no domínio da experiência gustativa. No entanto, estudos recentes (Ferrari, 2021, 2025) demonstram que, embora esses termos pareçam intercambiáveis em certos contextos de uso, existem diferenças significativas na forma como o significado é construído na mente humana, tanto no sentido literal quanto no metafórico. Nesse sentido, esta pesquisa expande sua atenção a outro domínio perceptivo: o olfativo. De forma análoga, as palavras "cheiro" e "aroma" são consideradas equiparáveis no português brasileiro. Assim, o presente trabalho delimita-se à análise da elaboração semântica desses dois termos sob a perspectiva da Linguística Cognitiva.

Para o desenvolvimento da análise, é necessário recorrer à tese da cognição corporificada (*embodied cognition*). Esta tese sustenta que "a natureza da organização conceitual surge da experiência corporal, de modo que parte do que torna a estrutura conceitual significativa é a experiência corporal com a qual ela está associada" (Evans e Green, 2006, p. 157, tradução nossa). Desse modo, o estudo das características semânticas de termos diretamente vinculados aos domínios perceptivos torna-se essencial para a compreensão da estreita relação entre nossa interação física com o ambiente e a configuração do nosso pensamento, que tem como resultado linguístico a palavra.

Um dos resultados desse processo de interação é a formação de *Frames* (Fillmore, 1982), estruturas de conhecimento arquivadas na memória de longo prazo que surgem sempre que uma palavra ou expressão é evocada. Exemplo clássico de observação é a expressão Era uma vez (*once upon a time*), que sinaliza o início de uma narrativa e evoca instantaneamente todo o *frame* de CONTO DE FADAS, criando expectativas sobre os tipos de personagens e eventos.

Associada ao conceito de *frame*, encontra-se a noção de *construal*, proposta por Ronald Langacker (2008), que se refere à "nossa capacidade manifesta de conceber e representar a mesma situação de formas alternativas" (p. 43). Observe as seguintes frases: "o copo com água" e "a água no copo". Ambas as expressões referem-se à mesma situação objetiva no mundo real, um recipiente (copo) contendo uma substância líquida (água). No entanto, a primeira focaliza o recipiente, enquanto a segunda foca no líquido contido, elaborando, assim, *construals* distintos a partir do mesmo conteúdo conceptual. Esta característica surge "vista a capacidade natural da linguagem de não retratar linguisticamente cenas de forma neutra, impondo necessariamente um

certo *construal*" (Langacker, 2008, p. 43). Todavia, para examinar detalhadamente essa noção, incorpora-se a esta análise o estudo de uma das características que auxiliam a sua descrição: a *proeminência*. Esta consiste na saliência de determinados elementos em detrimento de outros dentro de um mesmo *frame* (Langacker, 2008). Por exemplo, termos como *segunda-feira* ou *terça-feira* evocam o ciclo de sete dias como base, mas direcionam a atenção para segmentos diferentes dentro desse ciclo.

Diante do exposto, o objetivo geral desta pesquisa é investigar as semelhanças semântico-pragmáticas dos usos literais dos termos "cheiro" e "aroma" no português brasileiro. Para alcançar esse objetivo, adotou-se uma metodologia de natureza qualitativa e quantitativa. Os dados analíticos foram coletados do *Corpus do Português Online*, selecionando-se especificamente as ocorrências registradas nos corpora *Web/Dialect Corpus* e *NOW Corpus* que juntos reúnem dados textuais de jornais, revistas e periódicos online de quatro países lusófonos, dentre os quais foram selecionadas ocorrências correspondentes ao português do Brasil.

Este trabalho está estruturado em cinco seções principais. A Seção 1, Introdução, apresenta o tema e a justificativa da pesquisa. A Seção 2, Pressupostos Teóricos, discute a base teórica que sustenta a análise, articulando os conceitos de Semântica Cognitiva, Semântica de *Frames* e a noção de *Construal*. A Seção 3, Metodologia, detalha os procedimentos metodológicos empregados, incluindo a origem dos dados, os objetivos e as hipóteses da pesquisa. A Seção 4, Análise dos Dados, apresenta a análise qualitativa e quantitativa das ocorrências encontradas. Por fim, a Seção 5, Considerações Finais, expõe as conclusões alcançadas e as contribuições do trabalho.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, apresenta-se o panorama teórico que sustenta esta pesquisa. A discussão articula a noção de *frame* dentro da Semântica Cognitiva (1975, 1982), o conceito de *construal* detalhado por Langacker (1987) e um dos seus parâmetros descritivos, a *proeminência* (1987) aplicada a estudos atuais sobre o português brasileiro.

2.1 SEMÂNTICA COGNITIVA

A Semântica Cognitiva surgiu na década de 1970 em "resposta à visão de mundo objetivista assumida pela tradição filosófica anglo-americana e à sua estreita relação com a

Semântica de Condições de Verdade" (Evans, Green, 2006, p. 156, tradução nossa). De modo geral, esta corrente teórica estabeleceu que a realidade existia de forma independente da mente humana, possuindo propriedades fixas e com sentido preestabelecido. Sob essa ótica, o significado seria o resultado de uma correspondência direta entre a palavra e o mundo, de modo que a compreensão de uma sentença dependia estritamente de saber quais condições seriam necessárias para que ela fosse considerada verdadeira.

Nota-se, portanto, que nessa vertente o ser humano não era considerado um sujeito ativo na construção do sentido, uma vez que as categorizações do mundo já estariam previamente dadas na realidade objetiva. É precisamente essa a lacuna apontada pelos cognitivistas: "Ao visualizar o significado como a relação entre as palavras e o mundo, a semântica de condições de verdade elimina a organização cognitiva do sistema linguístico" (Sweetser, 1990, p. 4, tradução nossa). Ignorando a forma como a mente humana organiza, processa e interpreta o mundo.

A Semântica Cognitiva desenvolve, assim, uma nova configuração epistemológica e estabelece que a relação entre a palavra e o mundo é mediada por processos cognitivos intrínsecos à mente humana, como afirmam Evans e Green (2006):

A construção de significado não procede através da "correspondência" de frases com "estados de coisas" objetivamente definidos, mas com base em expressões linguísticas que "estimulam" processos conceptuais altamente complexos, os quais constroem significado com base num conhecimento enciclopédico sofisticado (Evans e Green, 2006 p. 158, tradução nossa).

Essa abordagem concede, portanto, destaque central à forma de experienciar o mundo, isto é, à maneira como o ser humano por meio da sua interação com o ambiente dota de sentido à realidade. Sobre isso, Evans e Green (2006) delimitam premissas norteadoras da Semântica cognitiva; destacamos entre elas: a estrutura conceitual é corporificada (*Conceptual structure is embodied*), e a representação do significado é enciclopédica (*Meaning representation is encyclopaedic*).

A tese da corporeidade sustenta que a organização conceitual deriva da experiência física. Assim, o que torna uma estrutura conceitual significativa é a vivência corporal à qual ela está associada; nesse sentido, o corpo molda e delimita a forma como conceitualizamos o mundo. Para exemplificar, Evans e Green (2006) propõem o cenário de um homem trancado em uma sala. O espaço possui paredes que limitam o contato com o exterior e definem um "dentro" e um "fora". Devido às suas características físicas, o homem não pode sair da sala por uma fresta,

como faria uma formiga. Essa interação física limitada entre o corpo humano e o ambiente resulta em um modo específico de experienciar e, consequentemente, de conceptualizar o mundo.

Em consonância com essa tese, entende-se que o significado não possui uma estrutura fixa e restrita — associada à visão tradicional de dicionário —, mas sim uma natureza enciclopédica. Para ilustrar esta noção, Evans e Green (2006) propõem a análise da frase: "Cuidado, Jane, o teu marido é um solteirão de marca maior!". Se interpretada sob a "visão de dicionário", a sentença seria contraditória, uma vez que a definição estrita de "solteiro" exige que o indivíduo não seja casado. No entanto, um falante compreende perfeitamente a ironia ou a crítica contida na frase graças ao conhecimento enciclopédico. Nesse caso, o significado da palavra "solteiro" expande-se para abranger um domínio conceitual que inclui comportamentos, estilos de vida e expectativas sociais; refere-se a um indivíduo que, embora casado, age de forma incompatível com os compromissos matrimoniais. Trata-se de saberes que dependem intrinsecamente da nossa relação experiencial com o mundo. Nesse sentido, as palavras não são vistas como pacotes fechados de significados estáticos, mas sim como pontos de acesso a uma ampla base de dados associada a conceitos ou domínios específicos da experiência.

Este trabalho busca, portanto, sob a perspectiva teórica da Semântica Cognitiva, analisar as expressões relacionais vinculadas ao domínio experiencial do olfato. Ao examinar as manifestações linguísticas "com cheiro de" e "com aroma de", teremos pontos de acesso à complexa organização cognitiva que subjaz a esses usos.

2.2 SEMÂNTICA DE *FRAMES*

A teoria da Semântica de Frames (*Frame Semantics*) proposta por Charles J. Fillmore (1982), considera, em linhas gerais, que significado das palavras é subordinado a *frames*. Este termo basilar é definido pelo autor como:

[...] por '*frame*' tenho em mente qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, é necessário entender toda a estrutura na qual ele se encaixa; quando uma das coisas nessa estrutura é introduzida em um texto ou em uma conversa, todas as outras são automaticamente disponibilizadas" (Fillmore, 1982, p.111)

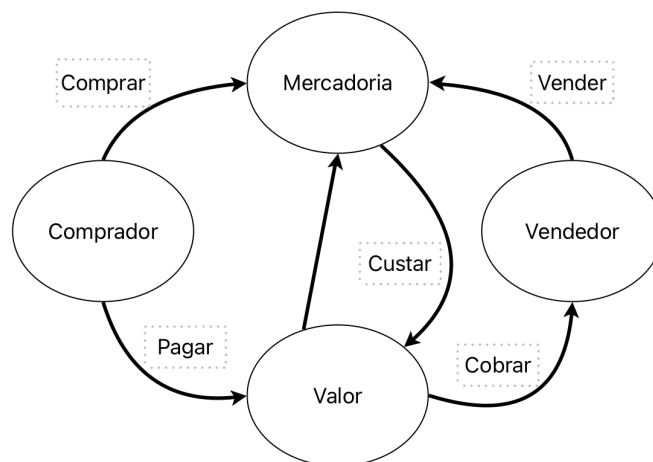
Isso significa que a interpretação de uma palavra envolve necessariamente a compreensão de um conjunto de conhecimentos interligados. Assim, quando um vocábulo é evocado, ativa-se um espectro de informações contextualizadas que viabilizam o seu entendimento, abrindo

caminhos para um repertório de saberes compartilhados culturalmente. Para ilustrar o funcionamento desse mecanismo, Ferrari (2011) propõe a análise das seguintes sentenças:

- a. Maria *comprou* um livro.
- b. João *vendeu* seu carro.
- c. Maria *pagou* R \$30,00.
- d. O livro *custou* R \$30,00.
- e. Aquela loja *cobra* R \$30,00 .

A partir da lista, é possível observar que os verbos *comprar*, *vender*, *pagar*, *custar* e *cobrar* estão vinculados a situações tipicamente comerciais. Contudo, embora estreitamente interligados ao mesmo evento, cada um deles estabelece diferentes relações entre os participantes desse cenário, traçando rotas e configurações particulares. A sentença (a), por exemplo, perfila a relação entre um comprador (Maria) e uma mercadoria (o livro); a sentença (b) enfatiza a relação entre um vendedor (João) e o bem vendido (o carro); já na sentença (c), evidencia-se o vínculo envolvendo o comprador (Maria) e o valor monetário da transação (R\$ 30,00). Nesse sentido, apesar das diferenças no perfilamento dessas relações, todos os verbos mencionados remetem ao mesmo conhecimento de base, ou seja, ativam o mesmo *frame*, o denominado *frame evento comercial*, esquematizado na Figura 1.

Figura 1 — Relações entre participantes do *frame de evento comercial*



Fonte: Ferrari (2011, p. 51).

A adoção de um modelo semântico baseado em *frames* trouxe consequências profundas para a compreensão de como o significado é estruturado na linguagem. Entre elas, destaca-se o fato de que os *frames* oferecem uma perspectiva particular sobre a realidade. Para exemplificar essa propriedade Ferrari (2011) analisa o comportamento das palavras *terra* e *solo* nas sentenças "Terra à vista!" e "Os aviões percorrem uma certa distância em solo antes de decolar". Sabe-se que ambos os termos designam o mesmo referente físico, uma porção de superfície terrestre; contudo, fazem-no a partir de perspectivas distintas. Enquanto "Terra à vista!" evoca um plano horizontal (tipicamente dito por alguém que está no mar, em contraste com a superfície aquática), a palavra *solo*, na segunda sentença, é acionada a partir de uma perspectiva aérea e vertical (em contraste com o espaço aéreo). Nesse sentido, embora compartilhem o mesmo referente no mundo, cada item lexical projeta um ponto de vista diferente. Isso demonstra que a escolha de uma palavra traz consigo um *frame* específico ou, nos termos de Charles Fillmore, uma particular "visão de mundo" (*envisionment of the world*).

Além dessa característica, Fillmore (1982) destaca que os *frames* possuem a capacidade de realizar enquadramentos alternativos de uma mesma situação (*alternate framing of a single situation*), isto é, construir cenas mentais que se alternam de acordo com os objetivos comunicativos do falante. Como exemplo representativo desse fenômeno, têm-se as palavras avarento (*stingy*) e econômico (*thrifty*). Ambos os termos referem-se a um mesmo perfil de indivíduo: alguém que não se desfaz facilmente do seu dinheiro. No entanto, o primeiro vocábulo ativa uma estrutura avaliativa negativa, caracterizando o sujeito como excessivamente apegado aos bens materiais. Já o segundo aciona uma estrutura positiva ligada à gestão responsável de recursos, retratando uma pessoa que faz uso moderado e eficiente de suas finanças. Dessa forma, evidencia-se que uma mesma situação factual pode ser percebida e codificada linguisticamente de múltiplas maneiras, a depender do enquadramento que se deseja projetar.

2.3 A NOÇÃO DE *CONSTRUAL*

Ronald Langacker aprofundou a proposta teórica de enquadramento alternativo, desenvolvendo em 1980 a noção de *Construal*. Segundo o autor, "O significado de uma expressão não se resume apenas ao conteúdo conceitual que ela evoca, igualmente importante é a maneira como esse conteúdo é construído" (Langacker, 2008, p. 55, tradução nossa). Isso significa que a palavra ou expressão oferece não apenas o acesso a um conjunto de conhecimentos, mas também

evidência à forma como esse conjunto de conhecimentos foi desenhado na mente humana pelos processos cognitivos. Para facilitar o entendimento, Langacker (2008) recorre à metáfora visual e propõe pensar em uma cena. Esta cena é construída de acordo com o que escolhemos olhar, da distância do que se examina, de quais elementos estão recebendo mais atenção e de onde a visualizamos. A partir disso, são descritos quatro parâmetros descritivos para o *construal*, sendo eles: especificidade, focalização, proeminência e perspectiva.

2.3.1 Especificidade

O nível de detalhamento ou generalização de uma cena pode ser descrito em termos de especificidade. Esse critério refere-se ao "nível de precisão e detalhe com que uma situação é caracterizada" (Langacker, 2008, p. 55), sendo granularidade (*granularity*) e resolução (*resolution*) termos alternativos para o mesmo conceito. Uma cena é altamente específica quando descrita minuciosamente, "em partículas finas", com densidade de detalhes; pelo contrário, ela é menos específica quando possui "partículas grossas", pouca resolução, limitando-se a apresentar características genéricas. Para exemplificar essa correlação, Langacker (2008) propõe pensar nas palavras tia (*aunt*) e parente (*relative*). O termo tia é certamente mais específico que parente, que atua como um termo esquemático; isto é, funciona como uma base genérica e de baixa resolução que abrange o conceito abstrato de laços familiares. Da mesma forma, na sequência [animal > mamífero > cachorro > pastor alemão], animal é esquemático para mamífero, que é esquemático para cachorro, o qual, por sua vez, é esquemático para pastor alemão, como aponta Ferrari (2011).

A sequência anterior denominada de hierarquia elaborativa, na qual há relações de esquematicidade, exerce um papel fundamental na descrição de estruturas gramaticais. Como observa Ferrari (2011), os verbos também podem estabelecer referências esquemáticas aos seus participantes. O verbo beber, por exemplo, estabelece uma referência esquemática a dois participantes: agente e paciente. Na sentença "João bebe água", instancia-se a relação [bebe—João—água]. Observe que a expressão pode se tornar menos específica omitindo uma das partes, como em "João bebe". Nesse caso, o paciente é intencionalmente omitido, já que se subentende, por motivos culturais, que a pessoa ingere bebida alcoólica, concedendo propositalmente à sentença um menor grau de especificidade.

Dessa forma, sentenças e itens lexicais podem ser formulados com maior ou menor nível de especificidade, contudo existem limites práticos para essa elaboração. Segundo Langacker (2008), expressões com níveis extremos de especificidade soam pouco naturais. Comparando as sentenças: "Uma garotinha alerta, de óculos, teve um breve vislumbre de um porco-espinho feroz com espinhos afiados" e "Alguém viu um porco-espinho feroz com espinhos afiados" é possível reconhecer que apenas a segunda ocorre na linguagem cotidiana, misturando descrições esquemáticas e específicas. Nesse sentido, por possuírem um tamanho finito, as expressões só conseguem ser específicas em relação a certas facetas de uma situação global exigindo à necessidade do segundo parâmetro descritivo, a focalização (*focusing*), tratado a seguir.

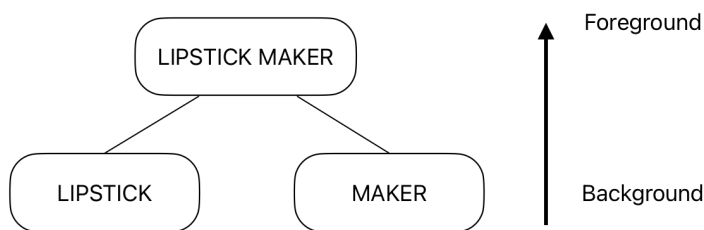
2.3.2 Foco

Vista a necessidade prática de limitar o nível de detalhamento das sentenças, a focalização de elementos surge como um recurso essencial na descrição do *construal*. Esse mecanismo permite analisar tanto o objeto que recebe o foco na estrutura linguística quanto o modo como esse destaque é operado cognitivamente. De acordo com Langacker:

A focalização inclui a seleção de conteúdo conceitual para apresentação linguística, bem como o seu arranjo naquilo que pode ser amplamente descrito (metaforicamente) como primeiro plano (*foreground*) vs. plano de fundo (*background*). (2008, p. 57, tradução nossa)

Para exemplificar as relações assimétricas que constituem a organização da atenção, Langacker (2008) propõe o desmembramento da expressão fabricante de batom (*lipstick maker*). Hierarquicamente, o significado composto ocupa o primeiro plano (*foreground*), recebendo a atenção imediata do falante. Em contrapartida, os componentes individuais, as palavras (*lipstick*) e (*maker*), ocupam o plano de fundo (*background*), atuando como precedentes conceituais, sustentando a compreensão e viabilizando o acesso ao significado global projetado no (*foreground*). Esta hierarquia é esquematizada na Figura 2.

Figura 2 — Caminho Composicional de *Lipstick Maker*



Fonte: Adaptada de Langacker (2008).

Contudo, a focalização não se resume à seleção de um conteúdo conceitual específico, como um item lexical ou uma expressão. Há uma etapa anterior, que consiste na ativação de domínios cognitivos, esferas da experiência, dotados de limites de extensão, propriedade que Langacker (2008) conceitua como extensão da cobertura. Por exemplo, para entender a palavra *copo*, a mente acessa domínios como espaço, forma, material e função; coletivamente, esse conjunto de domínios é chamado de matriz. A partir dessa matriz, ocorre a delimitação do quanto de cada domínio será evocado para servir de base ao significado. Essa faceta decorre diretamente das limitações da nossa capacidade mental, uma vez que só conseguimos processar uma quantidade finita de informação em um dado momento. Assim, incorpora-se a noção de escopo (*scope*).

Às vezes, precisamos distinguir entre o escopo máximo (*maximal scope*) de uma expressão em algum domínio, isto é, a extensão total de sua cobertura, e um escopo imediato (*immediate scope*) limitado, a porção diretamente relevante para um propósito específico. O escopo imediato é, assim, colocado em primeiro plano em relação ao escopo máximo. Metaforicamente, podemos descrevê-lo como a "região do palco" (*onstage region*), a região geral da atenção visualizadora. (Langacker, 2008, p. 63, tradução nossa)

Para exemplificar essa dinâmica, Langacker (2008, p. 68) utiliza a palavra cotovelo (*elbow*). Ao enunciar esse termo, a mente evoca a concepção do corpo humano como o seu escopo máximo, isto é, o substrato conceitual ou a base de referência que atua como plano de fundo (*background*), uma vez que não é possível conceber um cotovelo fora dessa região. Contudo, o corpo não é acessado de forma indiferenciada; há uma estrutura intermediária mais estreitamente vinculada a ele: o braço, que funciona como o escopo imediato, delimitando a região que estabelece relação direta com o cotovelo. Por fim, o significado propriamente dito se

consolida ao colocar em destaque uma subestrutura específica — o próprio cotovelo —, que passa a constituir o foco da atenção imediata, configurando o perfil (*profile*), termo diretamente relacionado à noção de proeminência (*proeminence*) que será exposta mais adiante.

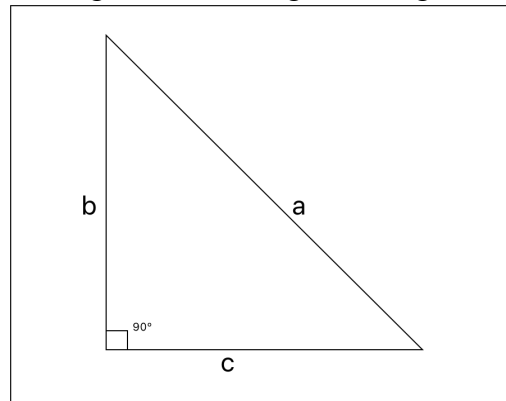
Em suma, a focalização seleciona o conteúdo de um domínio (ou de uma matriz de domínios), delimita o que será o escopo imediato e organiza esse conteúdo colocando o referente principal no primeiro plano (*foreground*), enquanto o restante da base conceitual permanece no plano de fundo (*background*). Aplicando essa lógica ao presente trabalho, esta pesquisa concentra sua análise no domínio olfativo, o qual funciona como base para estruturar o significado das expressões "com cheiro de" e "com aroma de". Essas manifestações linguísticas, por sua vez, delimitam como escopo imediato a relação experimental estabelecida entre um sujeito que percebe o estímulo e o objeto desencadeador que é experienciado, dinâmica sintetizada na fórmula ($S \leftrightarrow O$), tratada com menor detalhe a seguir.

2.3.3 Proeminência

No que concerne às assimetrias inerentes à linguagem, que resultam da maneira como a atenção humana é distribuída, Langacker (2008, p. 66) conceptualiza dois tipos específicos de proeminência: o perfilamento (*profiling*) e o alinhamento de trajetór/marco (*trajector/landmark*), essenciais na descrição gramatical.

De acordo com Ferrari (2011), o perfilamento constitui um mecanismo de construção do significado baseado no recorte de uma subestrutura específica a partir de uma base conceitual mais ampla. Para ilustrar essa noção, Evans e Green (2006) propõem examinar a palavra hipotenusa, conceitualizada como o maior lado de um triângulo retângulo, segmento (a), situando-se sempre em posição oposta ao ângulo reto de 90°. Conforme ilustrado na Figura 3.

Figura 3 — Triângulo retângulo



Fonte: Adaptada de Evans e Green (2006, p 237)

Note-se que, embora os catetos, lados (b) e (c) permaneçam no plano de fundo (*background*), eles são indispensáveis para a caracterização desse termo geométrico, uma vez que não existe triângulo retângulo sem eles. Assim, o perfil de uma expressão destaca-se como o foco específico de atenção dentro de seu escopo imediato. Contudo, como ressaltado por Langacker "o valor semântico de uma expressão não reside na base ou no perfil isoladamente, mas sim na combinação indissociável de ambos"(1987, p.183).

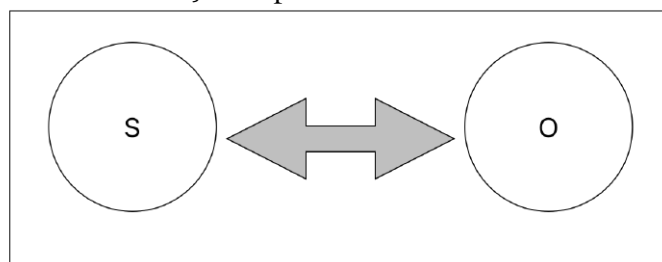
Além de atuar sobre entidades isoladas, a *proeminência* desempenha um papel decisivo em construções relacionais, de especial interesse a esta pesquisa. Nesses casos, a diferença de significado deriva da saliência estabelecida entre os termos da relação, divididos entre o trajetor (*foco primário*) e marco (*foco secundário*). Esses elementos são descritos por Langacker:

O participante mais proeminente, chamado de trajetor (tr), é a entidade concebida como estando localizada, avaliada ou descrita. Ele pode ser caracterizado como o foco primário dentro da relação perfilada. Frequentemente, algum outro participante é tornado proeminente como um foco secundário. Se for assim, este é chamado de marco (lm). (2008, p. 70, tradução nossa)

Para observar essa dinâmica, observe as construções preposicionais "acima de" e "abaixo de", ambas descrevem a mesma situação no eixo vertical, mas alteram o significado global justamente porque colocarem entidades diferentes em *proeminência*. Para explicar, Ferrari (2021, p. 163) sugere as sentenças "o avião está acima das nuvens" e "as nuvens estão abaixo do avião" que evidenciam o funcionamento das proposições; enquanto a primeira coloca em proeminência o avião, a segunda confere destaque às nuvens .

Esses aspectos também são discutidos em estudos recentes no português brasileiro que analisam a construção do significado dentro do domínio experiencial do paladar. A pesquisa de Ferrari (2021) revela que, embora as palavras "gosto" e "sabor" pareçam intercambiáveis em seus contextos de uso, a escolha por uma ou outra ocorre em função do elemento que se deseja destacar na relação experiencial, o Sujeito Experienciador (S) ou o Objeto Experienciado (O). A Figura 4 apresenta a dinâmica relacional dentro o *frame* gustativo:

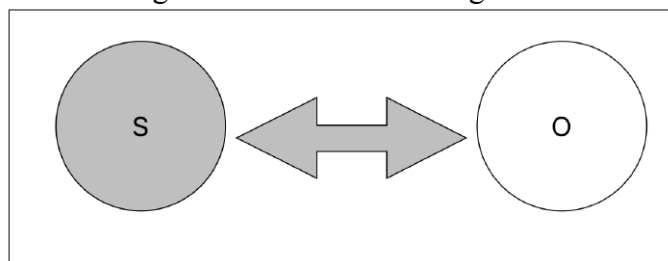
Figura 4 — Relação evocada por "gosto" e "sabor"
S: Sujeito Experienciador; O: Objeto Experienciado
↔: relação experiencial entre S e O



Fonte: Ferrari (2021, p.165)

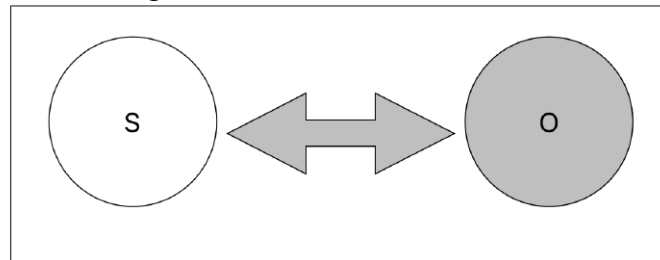
A distinção fica evidente em sentenças como "açaí tem gosto de terra", na qual coloca-se em *proeminência* a experiência do Sujeito Experienciador (S), tornando-o o trajetador na relação experiencial, enquanto o Objeto (O) funciona como o marco, como indicado na Figura 5:

Figura 5 — Construal de "gosto"



Fonte: Ferrari (2021, p.166)

Em contrapartida, em sentenças como "bala com sabor de café", o termo coloca em *proeminência* as características do Objeto Experienciado (O), que assume o papel de trajetador, situando o Sujeito (S) como o marco na relação experiencial. A Figura 6 representa esta dinâmica:

Figura 6 — *Construal* de "sabor"

Fonte: Ferrari (2021, p.166)

Além dessas características é possível perceber que estas expressões representam, ao mesmo tempo, formas diferentes de inserir o falante na cena descrita. Em "gosto", por exemplo, o falante é nitidamente inserido, expressando a sua perspectiva sobre determinado objeto, o que configura um *construal* subjetivo, marcado pela sua alta inserção na cena. Em contrapartida, "sabor" atenua a presença do falante ao conferir proeminência conceitual ao estímulo, resultando em um *construal* mais objetivo. Tais aspectos constituem dimensões centrais da noção de perspectiva, a ser abordada na seção seguinte.

2.3.4 Perspectiva

Para tratar da perspectiva, Langacker (2008) recorre didaticamente à metáfora visual: se, figurativamente, a conceitualização corresponde à visualização de um cenário, a perspectiva configura-se como o modo de contemplá-lo, implicando necessariamente um arranjo de visualização (*viewing arrangement*). Esse arranjo ou configuração descreve a relação geral estabelecida entre os "espectadores" da cena, que correspondem linguisticamente, aos conceitualizadores, ou seja, ao falante e ao ouvinte, da situação que está sendo observada ou descrita. Integrados a este parâmetro encontram-se o ponto de vantagem (*vantage point*) e o binômio objetividade/subjetividade (*objective/subjective*).

Tendo em vista que a conceitualização envolve a adoção de uma perspectiva, Langacker descreve como ponto mais óbvio desta dimensão o ponto de vantagem (*vantage point*) que se refere, de modo geral, à localização física, temporal ou abstrata a partir da qual uma cena é mentalmente visualizada. Como exemplo prático, Ferrari (2021, p. 67) discute as sentenças "a árvore está atrás da nuvem" e "a nuvem está na frente da árvore". Ambas as construções supõem uma linha de visão que parte do observador em direção ao objeto, definindo o (*vantage point*) a partir da posição em que a nuvem se coloca entre o observador e a árvore; neste caso, o ponto de

observação coincide com a localização física do falante. Um exemplo abstrato desse mecanismo ocorre na expressão no próximo ano (*next year*), que projeta a noção de (*vantage point*) para o domínio experiencial do tempo, perfilando o ano subsequente àquele em que se localiza o momento da enunciação.

Além de ancorar a localização espacial ou temporal, o ponto de vantagem reflete o grau de inserção do falante na cena, regulando os níveis de objetividade e subjetividade. A esse respeito, Ferrari conceitua que os *construals* podem ser mapeados de acordo com esse grau de inserção: “são mais objetivos quando mantêm o falante implícito e externo à cena, e mais subjetivos quando colocam a experiência do falante em proeminência” (2021, p. 163).

Essa distinção manifesta-se claramente na diferenciação entre as palavras gosto e sabor. O termo gosto carrega maior subjetividade ao vincular a experiência do Sujeito Experienciador na conceitualização; embora o falante possa não ser mencionado explicitamente por meio de pronomes, a palavra destaca sua sensação interna e sua avaliação gustativa. Em contrapartida, o termo sabor apresenta maior objetividade e menor inserção do sujeito, uma vez que coloca em proeminência as propriedades intrínsecas e químicas da substância (o Objeto Experienciado), mantendo o sujeito em uma posição implícita no plano de fundo. De forma análoga, como será detalhado na análise, a distinção entre “cheiro” e “aroma” reflete essa mesma dinâmica: o termo cheiro evoca uma perspectiva mais subjetiva ao centrar-se na experiência do sujeito, enquanto aroma assume um caráter mais objetivo, destacando as propriedades e características intrínsecas do Objeto Experienciado.

3 METODOLOGIA

Esta seção dedica-se à descrição dos procedimentos metodológicos. Para tanto, explicitam-se a natureza da análise, a origem dos dados, os *corpora* selecionados e o recorte analítico. Por fim, apresentam-se os objetivos e as hipóteses do estudo.

3.1 ORIGEM DOS DADOS

Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e quantitativa. Os dados utilizados foram extraídos do *Corpus do Português Online*, uma plataforma digital compilada e mantida pelos pesquisadores Mark Davies (Universidade Brigham Young) e Michael J. Ferreira (Universidade de Georgetown). O *Corpus* reúne um amplo conjunto de dados linguísticos provenientes de

quatro países lusófonos e está organizado em três sub corpora: o Genre/Historical, elaborado em 2006, com aproximadamente 45 milhões de palavras; o Web/Dialects Corpus, criado em 2016, com cerca de 1 bilhão de palavras; e o NOW Corpus (News on the Web), disponibilizado em 2018, que contém aproximadamente 1,1 bilhão de palavras oriundas de páginas da internet, como blogs, jornais e revistas. Para este estudo, por possuírem maior número de dados contemporâneos de usos literais, foram utilizadas especificamente ocorrências do *Web/Dialects Corpus* e do *NOW Corpus*.

Como recorte analítico foram considerados os esquemas sintáticos [SN1 com cheiro de SN2] e [SN1 com aroma de SN2], — como "casa com cheiro de café" e "cerveja com aroma de chocolate" —; o (SN1) e o (SN2) correspondem a categorias semânticas variadas.

3.2 OBJETIVOS E HIPÓTESES

Os principais objetivos desta pesquisa foram: (i) descrever a construção do significado dos termos "cheiro" e "aroma" sob a ótica da Semântica Cognitiva; e (ii) contrastar as características semântico-pragmáticas desses termos no português brasileiro. A partir desses objetivos, formularam-se as seguintes hipóteses:

- (i) a construção de significado de "cheiro" e "aroma" está relacionada à ativação do *frame* olfato, relacionando um Sujeito Experienciador e um Objeto Experienciado;
- (ii) o termo "cheiro" coloca em *proeminência* o Sujeito Experienciador no *frame* olfato;
- (iii) o termo "aroma" coloca em *proeminência* as características do Objeto Experienciado.

Para a verificação dessas hipóteses, o percurso metodológico foi dividido em etapas consecutivas. Inicialmente, realizou-se a coleta e o levantamento quantitativo das ocorrências de cada esquema sintático. Subsequentemente, os tipos semânticos mapeados nas posições de SN1 e SN2 foram categorizados, computando-se as frequências dessas estruturas. Em seguida, foram analisadas as permutações entre as categorias identificadas, a fim de verificar os padrões de coocorrência mais produtivos. Por fim, realizou-se o exame qualitativo das propriedades semântico-pragmáticas das permutações encontradas no corpus.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A busca pelo esquema sintático [SN1 com cheiro/aroma de SN2] revelou um total de 174 ocorrências, sendo 98 referentes ao esquema [SN1 com cheiro de SN2] e 76 ao esquema [SN1 com aroma de SN2], conforme apresentado na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 — Frequência de ocorrências

[SN1 com cheiro de SN2]		[SN1 com aroma de SN2]	
98/174	56%	76/174	44%

Fonte: Elaborada pela autora

A distribuição dos dados indicou um uso relativamente equilibrado entre os termos, motivando o interesse em investigar detalhadamente as distinções semânticas e pragmáticas entre "cheiro" e "aroma".

A partir dessa contagem, foram analisadas as características semânticas dos termos que ocupam as posições de SN1 e SN2. A análise permitiu identificar sete categorias semânticas: Animal, Lugar, Objeto, Pessoa, Planta, Produto Ingerível¹ e Produto não Ingerível².

Em seguida, com o objetivo de identificar preferências semânticas em cada esquema sintático, foram contabilizadas as frequências com que cada categoria (Animal, Lugar, Objeto, Pessoa, etc) ocupou as posições de SN1 e SN2. A Tabela 2 apresenta a distribuição dos tipos semânticos na posição de SN1 no corpus analisado. Destaca-se que o SN1 no padrão [com cheiro de] admitiu todas as categorias semânticas, diferentemente do padrão [com aroma de]. É o que indica a Tabela 2, a seguir:

Tabela 2 — Categorias semântica em SN1 por esquema sintático

Tipo semântico SN1	[com cheiro de]		[com aroma de]	
lugar	31	86%	5	14%
produto não ingerível	28	52%	26	48%
objeto	22	69%	10	31%
pessoa	8	100%	0	0%
produto ingerível	5	14%	32	86%

¹Esta categoria abrange itens próprios para consumo humano, como alimentos e bebidas.

²Esta categoria inclui substâncias que não são destinadas ao consumo humano, independentemente do seu estado físico, como produtos químicos.

planta	2	40%	3	60%
animal	2	100%	0	0%
Total	98	56%	76	44%

Fonte: Elaborada pela autora

Em consonância com as associações categoriais observadas em SN1, a posição de SN2 confirmou tendências semânticas identificadas. Nota-se uma distribuição menos restrita no padrão [com cheiro de] e mais concentrada no padrão [com aroma de], no qual o SN2 reúne 71% de suas ocorrências nas categorias Produto Ingerível e Planta, indicando um processo de especialização semântica.

Por sua vez, [com cheiro de] admitiu novamente todas as categorias semânticas, reforçando a associação preferencial dessa construção a contextos mais amplos e menos restritos semanticamente.

Tabela 3 — Categorias semântica em SN2 por esquema sintático

Tipo semântico SN2	[com cheiro de]		[com aroma de]	
produto não ingerível	42	93%	3	7%
produto ingerível	37	43%	50	57%
planta	9	30%	21	70%
pessoa	3	100%	0	0%
lugar	3	100%	0	0%
animal	2	100%	0	0%
objeto	2	50%	2	50%
Total	98	56%	76	44%

Fonte: Elaborada pela autora

Posteriormente, investigaram-se as combinações possíveis entre os tipos semânticos, bem como suas frequências. Para isso, realizou-se uma análise combinatória com base nas sete categorias identificadas, combinando cada uma com todas as demais — inclusive consigo mesma —, o que resultou em 21 combinações atestadas, conforme apresentado na Tabela 4.

Tabela 4 — Categoria semântica de SN1 e SN2 por esquema sintático

Tipo semântico SN1	Tipo semântico SN2	Ocorrências (SN1 com cheiro de SN2)		Ocorrências (SN1 com aroma de SN2)	
animal	animal	1	100%	0	0%

animal	produto ingerível	1	100%	0	0%
lugar	lugar	2	100%	0	0%
lugar	planta	3	50%	3	50%
lugar	produto ingerível	11	85%	2	15%
lugar	produto não ingerível	15	100%	0	0%
objeto	animal	1	100%	0	0%
objeto	lugar	1	100%	0	0%
objeto	objeto	1	100%	0	0%
objeto	pessoa	2	100%	0	0%
objeto	planta	1	25%	3	75%
objeto	produto ingerível	4	40%	6	60%
objeto	produto não ingerível	12	92%	1	8%
pessoa	planta	1	100%	0	0%
pessoa	produto ingerível	5	100%	0	0%
pessoa	produto não ingerível	2	100%	0	0%
planta	produto ingerível	1	25%	3	75%
planta	produto não ingerível	1	100%	0	0%
produto ingerível	planta	1	7%	5	83%
produto ingerível	produto ingerível	3	10%	26	90%
produto ingerível	produto não ingerível	1	50%	1	50%
produto não ingerível	objeto	1	33%	2	67%
produto não ingerível	pessoa	1	100%	0	0%
produto não ingerível	planta	3	23%	10	77%
produto não ingerível	produto ingerível	12	48%	13	52%
produto não ingerível	produto não ingerível	11	92%	1	8%
Total		98	56%	76	44%

Fonte: Elaborada pela autora

Com base nesses resultados, foram analisados os contextos semânticos das combinações mais frequentes, isto é, aquelas envolvendo as categorias Produto ingerível, Produto não Ingerível, Lugar e Objeto.

4.1 COMBINAÇÕES COM SN1 — PRODUTO INGERÍVEL

Com relação ao SN1 — Produto Ingerível, constata-se que essa categoria condiciona significativamente a escolha lexical ao privilegiar o termo "aroma" em detrimento de "cheiro", padrão inverso ao observado nas demais categorias. As combinações mais frequentes foram

Produto Ingerível – Planta e Produto Ingerível – Produto Ingerível. Na sequência ocorrências de Produto Ingerível – Planta:

1. Chiclete é a salvação. Segundo Amanda, lá na França para se manter "os dentes limpos" e o hálito fresco depois do almoço, os franceses têm mania de mascar **chicletes com aroma de menta ou hortelã**.
2. Hoje em dia sabemos que o absinto, fabricado de maneira apropriada, em forma de **bebida alcoólica com aroma de anis**, não é mais perigoso do que qualquer outra bebida devidamente preparada.
3. A coleção, inspirada na cultura turca, contém nove unidades. Sendo que dois deles são top coats perfumados, o **Chá de Menta com aroma de menta** e Incenso Doce com cheirinho bem suave.

No exemplo (1), a palavra "aroma" evidencia uma propriedade intrínseca ao chiclete, diretamente relacionada à sua função "higienizadora". No exemplo (2), a expressão atua como um descritor técnico e classificatório, comum em contextos especializados e comerciais. Já o exemplo (3) reforça e especifica a identidade da bebida, funcionando como um atributo intencional na composição do produto. Nesse sentido, o uso de "aroma" contribui para enfatizar propriedades intrínsecas e esperadas dos produtos, indicando ao consumidor a presença de uma característica definidora e diferenciadora elaborada para o consumo.

A combinação Produto Ingerível — Produto Ingerível apresentou forte ocorrência com "aroma", totalizando 26 ocorrências no corpus. Vejam-se alguns exemplos:

4. Porca de Murça é um **vinho tinto jovem, com aroma de frutas** como cerejas e groselha, de cor vermelho rubi e com um paladar bem frutado e macio com ótima acidez.
5. A primeira é a cerveja Manjar Negro, com 12% de teor alcoólico (melhor não repetir a sobremesa) na qual o malte torrado combina com o doce do coco. A brincadeira foi repetida, ou aperfeiçoada, na **cerveja Manjar dos Deuses, com aroma de coco queimado**.
6. A francesa Danone, por exemplo, lançou uma nova versão da **água mineral Volvic com aroma de coco**. Em rótulo verde e amarelo, a inscrição "Inspirado no Brasil" é devidamente acompanhada por uma imagem de chinelos na praia.

Os exemplos (4) (5) e (6) correspondem a descrições técnicas de produtos destinados à ingestão. Nessas descrições, evidenciam-se propriedades intrínsecas das bebidas, como composição, perfil sensorial e processos de fabricação. Assim, os exemplos focalizam características elaboradas de forma intencional, que não dependem da avaliação subjetiva de um Sujeito Experienciador. Desse modo, observa-se que a construção [com aroma de] reafirma a associação com a proeminência das características intrínsecas e composicionais dos produtos —

neste caso, bebidas —, em consonância com os padrões identificados em outras ocorrências dessa estrutura.

4.2 COMBINAÇÕES COM SN1 — PRODUTO NÃO INGERÍVEL

Com relação a SN1 — Produto não Ingerível, observou-se maior frequência em três combinações: Produto não Ingerível – Planta, Produto não Ingerível – Produto Ingerível, Produto não Ingerível – Produto não Ingerível. A seguir, exemplos de ocorrências Produto não Ingerível — planta que apresenta preferência semântica pelo uso de "aroma", perfilando os elementos constitutivos do objeto experienciado, como mostram os exemplos (7) e (8):

7. O controle de oleosidade também é feito com a máscara de barro de sua linha de cosméticos, Sejaa, lançada em 2011. **O produto com aroma de sândalo** confere um toque suave e macio à pele.
8. "Então, nós usamos um laser que tem a sensação de pingos de chuva quentes sobre a pele. Após isso, fazemos uma esfoliação de **ácido com aroma de lavanda** e em seguida aplicamos luzes com ondas bem suaves ", disse.
9. Nós colocamos também uma **essência com cheiro de flor** e um corante azul, para deixar a água azulzinha ", explica a professora de química Nelikim Pelizer.

No primeiro caso, a propriedade aromática é integrada à descrição do cosmético e associada diretamente ao seu efeito. No segundo, "aroma" funciona como um atributo técnico que caracteriza e especifica o produto no contexto do procedimento estético. Em contrapartida, o exemplo (9) mostra como a construção com "cheiro" opera ao perfilar a experiência subjetiva do Sujeito Experienciador. A expressão [com cheiro de] apresenta-se de forma mais genérica, podendo remeter a diferentes tipos de flor, sobretudo quando comparada à especificidade de construções como "aroma de sândalo" ou "aroma de lavanda".

A combinação Produto não Ingerível – Produto Ingerível apresentou um uso equilibrado entre as duas construções, sugerindo que a escolha entre "cheiro" e "aroma" está relacionada ao *construal* que se pretende estabelecer, observe-se:

10. O incômodo é tão grande que teve a necessidade de mudar de casa, pois suas netas estavam apresentando doenças respiratórias, assim como ela, que afirma não estar mais suportando aspirar o **pó com cheiro de açúcar queimado**.
11. A Pet Games, que, em sua própria definição, [...], lançou a Pet Bolhas. Sim, são **bolhas de sabão com aroma de melão**, que, segundo a empresa, atijam o instinto de caça por diversão.
12. Na coleção é possível encontrar: gloss labial no formato de cupcake, picolé, além de kits de beleza com creme para as mãos, **gel de banho com aroma de frutas** e muitas outras novidades de beauté.

Os exemplos ilustram duas tendências observadas nos dados, compatíveis com as hipóteses iniciais propostas para cada construção. No exemplo (10), a expressão está diretamente vinculada à experiência olfativa de um Sujeito Experienciador, afetado pelo efeito do pó. Nesse caso, observa-se a associação entre um odor percebido e um referente cotidiano "cheiro de açúcar queimado", construída a partir da experiência subjetiva e do repertório prévio do sujeito experienciador. Por outro lado, os exemplos (11) e (12) apresentam "aroma" como uma qualidade olfativa intrínseca aos produtos, intencionalmente elaborada. No exemplo (12), isso se evidencia de forma ainda mais clara, uma vez que se trata da descrição de uma linha de produtos, em que o "aroma" é projetado como um atributo positivo e constitutivo dos itens apresentados.

A combinação Produto não Ingerível — Produto não Ingerível ocorreu preferencialmente no esquema sintático [com cheiro de]. A seguir, apresentam-se alguns exemplos dessas ocorrências:

13. Fiz experiências com óleo de cozinha usado, soda líquida e álcool de posto (etanol), depois da hora de agitação, no resultado final 24h ficou um **tipo de gel amarelo com cheiro de álcool**.
14. Mexa durante aproximadamente 15 minutos e, depois, coloque o produto dentro de caixas de leite. — Depois de 24 horas o produto vira um **sabão com cheiro de desinfetante**.
15. Empresa cria **perfume com aroma de MacBook Pro** Essência recria o aroma do momento em que o aparelho é retirado da caixa pela primeira vez.

Nos exemplos (13) e (14) [com cheiro de] evoca o *frame* olfato, mas destaca a *proeminência* do sujeito, uma vez que o odor resulta de uma percepção empírica após o experimento, gel e sabão. Em ambos os casos, o foco é deslocado da composição química dos produtos para a experiência sensorial de quem realiza a observação. Em contraste, o exemplo (15) evidencia que [com aroma de] destaca propriedades intencionais, ainda que não convencionais para uma fragrância. Nesse caso, a construção funciona como uma estratégia discursiva que enfatiza a singularidade do produto.

4.3 COMBINAÇÕES COM SN1 — LUGAR

As combinações possíveis envolvendo Lugar foram Lugar — Lugar, Lugar — Planta, Lugar — Produto Ingerível e Lugar — Produto não Ingerível. Destas, apenas os pares Lugar — Planta e Lugar — Produto Ingerível registraram ocorrências com os termos "cheiro" e "aroma".

O par Lugar — Planta destaca-se por apresentar um uso equilibrado entre as duas variantes, o que permite observar mais facilmente a alternância de *frame*. A seguir, exemplos dessa combinação:

16. Demorava para dormir. Quando acordava, via o sol brilhando, deslumbrante, aquecendo **a terra com cheiro de eucalipto molhado**.
17. Salvador carregando sprays que deixam **a avenida com aroma de alfazema**, além de usar figurino característico.
18. Foram mais capazes de lembrar marcas e produtos depois de colocados em um **ambiente perfumado com aroma de alecrim e gerânio**, entre outros, de o que em uma sala sem perfume

No exemplo (16), o contexto insere-se no relato de uma cena cotidiana e pessoal, descrevendo a vivência sensorial de um Sujeito Experienciador durante o amanhecer. Em contraste, os exemplos (17) e (18) utilizam "aroma" para descrever odores introduzidos intencionalmente: no primeiro caso, por sprays aromáticos; no segundo, como uma variável controlada em um experimento. Nesses cenários, o "aroma" destaca as características funcionais do estímulo, conferindo proeminência ao Objeto Experienciado.

Em contraposição ao uso equilibrado do par anterior, a análise quantitativa do par Lugar — Produto Ingerível revelou uma preferência acentuada pelo termo "cheiro", alinhando-se à tendência observada nos outros conjuntos, como ilustram os exemplos abaixo:

19. Ela assa bem e é bastante indicada para apartamentos, pois não solta tanta fumaça. No máximo, irá deixar o **apê com cheiro de churrasco**.
20. Foi— se o tempo em que a cozinha era só para preparar os alimentos a serem servidos[...] Ela é uma das partes mais charmosas e aconchegantes de uma casa. Por causa disso, não dá mais para se ter uma **cozinha com cheiro de fritura**.

A escolha semântica da construção [com cheiro de] em (19) e (20) coloca em proeminência o Sujeito Experienciador, uma vez que os odores percebidos não constituem características intrínsecas do apartamento ou da cozinha, mas sim propriedades transitórias, resultantes da percepção olfativa de alguém. Além disso, o exemplo (20) explicita uma relação de incongruência entre a ideia de um ambiente aconchegante e o "cheiro de fritura", constituindo um julgamento avaliativo negativo de um sujeito. Por outro lado, quando o rigor científico exige a descrição objetiva do estímulo, a variante "aroma" retoma sua função de foco no objeto, como ocorre em (21) onde é descrito um procedimento experimental:

21. Eles beberam mais água com sabor de morango e passaram mais tempo em uma **área com aroma de morango**, principalmente os que tiveram o morango aplicado à casca do ovo.

Por fim, as combinações Lugar—Lugar e Lugar—Produto não Ingerível ocorreram exclusivamente com o termo "cheiro", consolidando a proeminência do sujeito na descrição de ambientes:

22. A gente pegou uma jangada motorizada, atravessamos **uma lagoa com cheiro de mangue**.
 23. Na minha concepção, a pessoa mais importante do seu evento pode não ser o presidente e sim a pessoa da limpeza, que deixa o nosso **banheiro com cheiro de perfumes**.
 24. Calçadas sujas e esburacadas ocupadas por brinquedos, por cigarros contrabandeados e por CDs e DVDs piratas. **Paredes com cheiro de urina**, contêineres mal cheirosos.

Observa-se, nos exemplos (22), (23) e (24), a proeminência do Sujeito Experienciador, evidenciada pela descrição da percepção olfativa dos ambientes. No primeiro caso, a escolha semântica é filtrada pela memória olfativa de outro cenário. No segundo contexto, a ação da limpeza resulta na percepção de um ambiente perfumado. Já em (24), a experiência olfativa é negativa e reflete a avaliação do sujeito em relação ao ambiente. Em todos os casos, a escolha lexical confirma que o "cheiro" é o meio pelo qual é apresentada a percepção do sujeito e das condições momentâneas do lugar.

4.4 COMBINAÇÕES COM SN1 — OBJETO

As combinações com SN1 — Objeto presentes nos dois esquemas sintáticos foram: Objeto — Planta, Objeto — Produto Ingerível e Objeto — Produto não Ingerível. Destaca-se, contudo, que apenas nas duas primeiras combinações há uma inversão na tendência de associação, isto é, quando o objeto se relaciona a produtos ingeríveis ou a plantas, há preferência pelo uso do esquema sintático [com aroma de]. A seguir apresentam-se alguns exemplos de Objeto — Planta e Objeto — Produto Ingerível:

25. Destaque para a quadra alusiva aos « Parques Nacionais do Brasil — Prevenção a Incêndios Florestais», impressa em **papel reciclado, com aroma de madeira queimada**, visando conscientizar para a necessidade de preservar as riquezas do nosso meio-ambiente.

26. Os modelos boxer são produzidos em tecido antibacteriano, protegendo a pele de odores provenientes do suor e têm micropartículas de aroma que são liberadas na medida em que o corpo se movimenta. **Cueca com aroma de chocolate.**
27. CD de o Barry Manilow (estarei desatualizado quanto aos cantores românticos de a hora?) e **toalhinhas higienizantes com aroma de pêssego** ou alfazema (a escolha é sua).

Em (25), o "aroma" é incorporado ao material, desempenhando uma função específica. Paralelamente, em (26), há uma explicação técnica "micropartículas de aroma que são liberadas", o que evidencia o aroma como uma propriedade intrínseca e funcional do produto. Por fim, em (27), o termo atua como elemento de diferenciação e especificação do objeto. Nesse sentido, os exemplos mostram que a expressão [com aroma de] funciona para atribuir características distintivas ao Objeto Experienciado, intencionalmente incorporadas à composição do produto, não se tratando de uma ocorrência acidental, mas de um traço constitutivo que define e qualifica o item.

A combinação Objeto — Produto não Ingerível destacou o uso da construção [com cheiro de], evidenciando a proeminência do sujeito experienciador, conforme proposto na hipótese (ii). Observem-se os exemplos a seguir:

28. A especialista em limpeza não aguentou ver algumas **peças com cheiro de suor** e colocou tudo na máquina.
29. Segundo o tenente, o homem portava um galão de gasolina e usava uma **blusa com cheiro de combustível.**
30. A PM contou que durante a conversa, Carlos pareceu nervoso. No quarto, a polícia recolheu [...] uma **garrafa de refrigerante com cheiro de acetona.**

Os trechos compartilham características em comum, configurando-se como relatos testemunhais: o primeiro refere-se à observação de uma especialista em limpeza, enquanto os exemplos (29) e (30) correspondem ao depoimento de um tenente da Polícia Militar e a um relato da própria corporação. Em todos os casos, observa-se a descrição da percepção olfativa, frequentemente negativa, de sujeitos que tiveram contato direto com os objetos (peças de roupa e garrafa de refrigerante). Essa configuração evidencia a *proeminência* do Sujeito Experienciador, uma vez que o "cheiro" é interpretado como uma ocorrência transitória, dependente da percepção individual.

Além disso, o exemplo (30) é particularmente relevante por dialogar com uma característica apontada por Ferrari (2021, p. 170) acerca da especialização semântica de termos

vinculados à experiência gustativa, mas especificamente "sabor " e "gosto ". Segundo a autora, "gosto " tende a indicar a congruência ou incongruência entre a composição do alimento e o que é percebido por um sujeito em uma determinada situação. De modo análogo, "cheiro" é selecionado quando não há correspondência entre o odor percebido, como no caso da garrafa, e aquele que seria esperado no objeto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho enfocou as diferenças semântico-pragmáticas entre os termos “cheiro” e “aroma” no português brasileiro, sob a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva (Ferrari, 2011) e, mais especificamente, dos conceitos de *frame* (Fillmore, 1982), *construal* e *proeminência* (Langacker, 2008). A análise qualitativa e quantitativa, baseada em dados extraídos do *Corpus do Português Online*, confirmou integralmente as hipóteses. Verificou-se que, embora ambos os termos ativem o mesmo *frame* experiencial (o olfativo), eles se distinguem fundamentalmente pelo *construal* estabelecido.

Os resultados demonstraram que a construção com "cheiro" tende a conferir proeminência ao Sujeito Experienciador, associando-se a contextos de percepção subjetiva, transitória ou avaliativa, ex: "cozinha com cheiro de fritura", "paredes com cheiro de urina". Em contraste, a construção com "aroma" destaca as características intrínsecas do Objeto Experienciado, sendo preferencialmente utilizada em contextos de especialização semântica, intencionalidade ou descrição técnica, especialmente com a categoria Produto Ingerível, ex: "bebida alcoólica com aroma de anis", "vinho tinto jovem, com aroma de frutas", única categoria que engloba produtos destinados a ingestão.

Dessa forma, ao articular a fundamentação teórica com a análise de dados de uso, este trabalho não se limitou a descrever a estrutura semântica dos termos investigados, mas buscou contribuir para o debate sobre a construção de sentido na mente humana. Quanto às perspectivas para trabalhos futuros, a análise revelou usos metafóricos como "casa com cheiro de vó" e "saúde com aroma de check-up", os quais apontam uma lacuna teórica que merece ser aprofundada sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, ampliando, assim, o escopo teórico da investigação iniciada.

6 REFERÊNCIAS

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics**: an introduction. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRARI, Lilian. Ponto de vista e (inter)subjetividade: frames alternativos em “gosto” e “sabor”. *In*: CAVALCANTE, S.; GABRIEL, R.; MOURA, H. (org.). **Cognição e cultura**: estudos em interface. Campinas: Mercado de Letras, 2021. p. 157-179.

FERRARI, Lilian. Construal, mesclagem e intersubjetividade: usos metafóricos de “gosto” e “sabor”. **A cor das Letras**, Feira de Santana, v. 26, n. especial, p. 429-446, dez. 2025. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.13102/cl.v26iEspecial.12305>. Acesso em: 8 jun. 2026.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. *In*: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (ed.). **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin Publishing, 1982. p. 111-137

LANGACKER, Ronald W. **Cognitive Grammar**: a basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

SWEETSER, Eve. **From Etymology to Pragmatics**: metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, Leonard. **Toward a Cognitive Semantics**. Cambridge, MA: MIT Press, 2000. 2 v.